

A EUDEMONOLOGIA DE SCHOPENHAUER E SUA RELAÇÃO COM O ESTOICISMO

Vilmar Prata Correia*

Resumo: Tenho como objetivo neste trabalho apresentar brevemente alguns pontos relevantes na relação de Schopenhauer com o estoicismo. Identificarei questões levantadas pelo filósofo dentro dos postulados estoicos, principalmente no que se refere à eudemonologia, conceito de felicidade que permeia toda sua leitura sobre o pensamento estoico. Para tanto, me aterei ao que denominarei, neste texto, de controvérsias apontadas pelo filósofo alemão na filosofia estoica. Apontarei também as sugestões de Schopenhauer de realinhamento para uma possível releitura das propostas presentes no estoicismo. Em resumo, minha problematização é o conceito de felicidade no estoicismo e no pensamento schopenhaueriano, que tem sido, aliás, a problemática de toda filosofia desde a Grécia antiga até nossos dias.

Palavras-chave: Schopenhauer; Estoicismo; Eudemonologia.

EUDEMONOLOGY OF SCHOPENHAUER AND ITS RELATIONSHIP WITH STOICISM

ABSTRACT: I aim in this article introduce briefly some detaching aspects within Schopenhauer's concerns towards stoicism. I will identify questions raised by the philosopher related to the stoic postulates, mainly about the eudemonology, a happiness concept spread along his reading on the stoic thinking. Therefore, I will focus on what I nominate, in this text, the controversies highlighted by the german philosopher concerning the stoic philosophy. I will also indicate Schopenhauer's suggestions for a realignment to a possible re-reading of stoicism proposals. At a glance, I problematize the concept of happiness in the stoicism and the schopenhaurian thinking, which has been a problematic in the center of the philosophical studies since Ancient Greece until nowadays.

Keywords: Schopenhauer; Stoicism; Eudemonology.

Schopenhauer e o Estoicismo

É possível ser feliz? O que é a felicidade? Duas questões muito banais repetidas ao longo da história, que, por mais simples que pareçam ser, suas respectivas respostas estão longe de serem dadas e exauridas em teorias filosóficas ou mesmo em pretensões

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS e bolsista CAPES. E-mail: vilmarlabedisco@gmail.com.

científicas e religiosas. Mais simples que estas questões pareçam ser, suas respectivas respostas estão longe de ser simplórias e exauridas em teorias filosóficas ou mesmo em pretensões científicas e religiosas. Toda humanidade sempre buscou com muito esmero a felicidade e, nesta busca, se perdeu por caminhos que a levou a enganos que por muitas vezes custaram a própria vida de muitos homens e mulheres. Chega a ser banal confundir a felicidade com momentos de prazer, seja como for sentido. Mas o que seria a felicidade para Schopenhauer e para o estoicismo?

Nota-se ao longo de toda obra de Schopenhauer, um dos grandes nomes da filosofia alemã do século XIX, seu apreço pela filosofia antiga, dedicando algumas reflexões em seus livros às escolas filosóficas clássicas, bem como a grandes nomes do pensamento antigo greco-romano. Certamente, não seria de se estranhar seus apontamentos referentes à *Stoa*, como também suas referências a grandes nomes da Escola do Pórtico, assim conhecida dentro da filosofia. O recorte que faço dentro da obra do filósofo, precisamente em suas referências diretas ao estoicismo para pensar a relação do homem com a felicidade, não deixa de ser um desafio, levando em consideração que trata-se de um pensador complexo e com críticas sempre muito afiadas a diversas temáticas abordadas por ele; sobretudo, e não seria diferente, ao se direcionar ao estoicismo.

Encontramos em *Fragments para a História da Filosofia*, de 1851, alguns posicionamentos direcionados ao estoicismo, que lança o leitor ao parágrafo 16 de outra obra sua, considerada uma das mais relevantes: *O mundo como vontade e representação*, de 1819 (SCHOPENHAUER, 1986; 1992; 2005). Tomando como base esses dois textos, esboçarei minhas reflexões acerca do olhar schopenhaueriano em direção ao estoicismo, trazendo à baila as controvérsias elencadas por ele no seio do estoicismo, buscando possíveis resoluções que partem do próprio filósofo, no que se refere à sua teoria eudemonológica implicada no parágrafo 55 desta mesma obra e no *Aforismos para Sabedoria de Vida*, de 1851.

É importante salientar que não podemos nos enganar frente às observações favoráveis de Schopenhauer aos fragmentos de alguns pensadores antigos, como por exemplo, Zenão e Crisipo, pois em igual proporção suas críticas irredutíveis não pouparam o que os dois pensadores sugeriram ao longo de seus pensamentos. De igual

maneira, quando se refere a Arriano, um filósofo do estoicismo tardio, considerado por ele deficiente em seu conteúdo teórico.

Segundo Schopenhauer, a proposta de Arriano, de forte tendência teísta, destoa da proposta estoica, uma vez que essa perspectiva moralista foge das noções de Deus e de mundo encontrada no estoicismo. Schopenhauer acusa incoerência na proposta de Arriano, afirmando que

Tudo isso soa estranho à genuína e original Stoá: lá, o Deus e o mundo são um e não se conhece absolutamente um Deus que seja uma pessoa que pense, queira, comande e providencie os pensamentos fundamentais próprios ao cinismo, como a ética estoica, ficaram totalmente perdidos para Arriano, e ele parece até mesmo nunca ter sentido falta deles. [...] Para esta questão remeto à minha obra principal, volume I, parágrafo 16, e volume II, capítulo 16 – onde, e de certo pela primeira vez, o verdadeiro espírito do cinismo e da Stoá é exposto em profundidade (SCHOPENHAUER, 2003, p. 44-45).

Nesta linha, percebe-se o interesse claro do filósofo alemão em destacar e reafirmar os preceitos do estoicismo autêntico, que, segundo ele mesmo, teria sido distorcido e alterado erroneamente por diversos pensadores em tentativas vãs de acrescentar interpretações que sugeriria uma personificação de Deus, atribuindo negatividade ao mundo, que, aliás, é justamente o que o cristianismo vem fazer posteriormente. No estoicismo o cosmo, o universo é todo lugar e é por excelência a divindade, não havendo mérito nem demérito em nenhuma criatura. Todos carregam em si um pouco dessa totalidade universal e divina. Ao sofrer algumas interpretações por outros pensadores, e isso dar-se a ver claramente com a ascensão do cristianismo, o sumo bem passa a compor as características de um deus personificado que recebe características humanas, sendo representado por uma instituição que, em nome desse suposto deus, dita o que é certo ou errado.

Tentando esclarecer um pouco mais a questão relacionada ao conceito de Deus e de mundo no quadro do estoicismo, Setaioli, referindo-se a Sêneca, um estoico de grande relevância, chama atenção para o fato de que

É bastante evidente que Sêneca aceita, a princípio, a concepção monística do estoicismo. Seu universo é unitário: não há distinção entre realidades materiais e espirituais no significado moderno desses termos. O seu "sopro" (*spiritus*) não é um "espírito" oposto à matéria;

ela própria é matéria e, na concepção estoica, não poderia agir como se não fosse material em si. (SETAIOLI, 2007, p. 337)¹⁵⁴

Mais ainda, ao longo do pensamento de Sêneca, nota-se claramente o agir moral pautado pela razão como mediadora e delineadora da postura ideal frente a si mesmo e frente ao outro, de acordo com a demanda dos acontecimentos. Essa ênfase na razão enquanto propriedade do homem marca todo percurso de sua obra, elegendo o sujeito como figura central no jogo da vida e, concomitantemente, fazendo do universo, conforme as próprias diretrizes do estoicismo lembrado acima por Setaioli, o lugar por excelência da unidade da existência e de tudo que submete o homem a exigir de si mesmo dedicação ao processo contínuo de evolução e aprendizagem; do contrário, o mesmo se perderia nos próprios devaneios e nos percalços ao longo da vida.

Ao fim do primeiro livro de *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer se dedica a refletir sobre as questões relacionadas à razão e seu papel na constituição do indivíduo enquanto sujeito de decisão e ação frente a si mesmo e ao mundo à sua volta. O filósofo afirma que, em relação ao estoicismo, no que confere à razão, trata-se de que

o Desenvolvimento perfeito da Razão Prática, no verdadeiro e autêntico sentido do termo, o ápice do que o homem pode chegar mediante o simples uso da Razão, com o que a sua diferença do animal se mostra na maneira mais nítida, foi exposto, enquanto ideal, na Sabedoria Estoica. Pois a ética não é originária e essencialmente uma doutrina da virtude, mas mera instrução para uma vida racional, cujo fim e objetivo é a felicidade mediante a tranquilidade de ânimo (SCHOPENHAUER, 2005, p.142).

O estoicismo elenca a felicidade (*Eudaimonia*) como o objetivo principal de todas as técnicas disciplinares, aprendidas, adquiridas e praticadas ao longo da vida, pautadas por regras que têm como meta levar o indivíduo à plenitude de si, o que, diga-se de passagem, é algo já inconcebível para Schopenhauer. Dessa maneira, as ações

154 Tradução minha. Lê-se no original: “It is quite evident that Seneca accepts, in principle, the monistic conception of Stoicism. His universe is unitary: there is no distinction between material and spiritual realities in the modern meaning of these terms. His “breath” (*spiritus*) is not a “spirit” opposed to matter; it is itself matter, and, in the Stoic conception, it could not act upon matter were it not material itself.”

virtuosas pautadas numa moral que perpassa as relações consigo e com o outro não são por elas mesmas o objetivo final, o ponto de chegada, mas, ao contrário, como afirma o próprio Schopenhauer (2005, p. 142): “a ética estoica ensina que a felicidade certa só se pode encontrar na paz interior e tranquilidade espiritual, por sua vez, só alcançáveis pela virtude”. Ou seja, a virtude é o modo eficaz considerado pelos estoicos para alcançar seu fim último que é a felicidade, ou como também a denomina: “vida feliz”.

É importante salientar que Schopenhauer não deixa passar despercebido o fato de que, para os estoicos, esse agir virtuoso é exatamente o que levará o indivíduo a esse ideal de felicidade, e que só é encontrado a partir de si mesmo e não fora de si. O indivíduo não deve buscá-la no mundo, mas dentro de si, e este retorno a si, essas práticas virtuosas se alcançam com e a partir da razão, que direciona, delinea e, por que não dizer, disciplina os passos do indivíduo nesse itinerário rumo à felicidade. Schopenhauer ainda acrescenta que houve ao longo da história da filosofia diversas leituras equivocadas em relação ao estoicismo, pelo fato de muitos considerarem a virtude como um fim último.

Além de todo esforço filosófico em aprimorar as técnicas virtuosas em direção à felicidade, à vida feliz, que, a propósito, o sujeito traz guardada em si mesmo, também se notam dois outros modos distintos de posicionamento do sujeito em relação a si e ao mundo: a renúncia e a conversão. Ambas são totalmente distintas uma da outra. A renúncia está ligada ao abandono de si, acompanhada de uma entrega total a um modo específico de ser e estar frente aos acontecimentos da vida, tomando-se, assim, o mundo como vontade, e, por fim, a compaixão como resultado compensador dessa entrega.

A conversão, por sua vez, é o movimento para dentro de si, que requer, sobretudo, coragem e disciplina por parte de quem se propõe a tal empreitada, bem como o auxílio indispensável do outro, como mestre, que terá a função de auxiliar o indivíduo nesse processo de retorno a si, podendo também ser chamado de conhecimento de si (*epimeleia heoutou*). Vale lembrar que se espera nesse gesto corajoso de voltar-se a si que a razão seja a luz que vai direcionar e clarear todo percurso. Sob essa perspectiva, Schopenhauer considera, mais ainda, a postura ética estoica inteiramente imersa no ato racional quando a vida se apresenta árdua e o sujeito deve procurar se colocar da melhor maneira possível diante das dores e dos sofrimentos.

Exatamente por se tratar de conhecer com prudência e razão os acontecimentos da vida é que Schopenhauer (1992, p. 849) considera que “a moral estoica é acima de tudo uma espécie particular de eudemonismo”. Para o filósofo alemão, é possível identificar a presença da razão, quando aquele que age segundo às orientações do estoicismo se coloca indiferente diante dos fatos presentes, não se deixando abalar por situações incertas, nem tampouco se apegando a considerações frágeis, que, *grosso modo*, não se sustentam mediante à complexidade que é viver. Nesse viés, o que se tem em foco é justamente o que podemos considerar, fazendo uso das próprias palavras de Schopenhauer (2005, p. 143), uma “elevação do homem sobre tudo isso, tornando-o invulnerável”.

Nessa esteira, a razão é empregada, aos olhos de Schopenhauer, para se alcançar justamente a liberdade do sujeito, que, conseqüentemente, o levaria ao que poderia aproximá-lo do que se compreenderia por felicidade, já que não mais se encontraria numa posição de vulnerabilidade e dependência em relação às condições limitadas de sua própria existência, assim como aos modos possíveis de se colocar frente aos momentos de alegria e tristeza. Ao contrário, por meio da razão, o sujeito é que tomará a decisão do seu agir, não mais influenciado por sensações de dor e prazer, sendo elevado à condição de *ataraxia*, livre dos efeitos das paixões, doenças, desejos e inclinações sensitivas.

Desse modo é que se delinea o ato da vontade do sujeito em relação à própria vida e ao mundo no qual está inserido. É isso justamente o que dá o tom para sua existência, é o que o impulsiona a ter êxito e não se abalar diante das intempéries que podem lhe acometer. Schopenhauer lembra que no estoicismo

Epicteto, em conformidade com o espírito e objetivo de Stoá, do qual parte e ao qual constantemente retorna, considerava como núcleo de sua sabedoria, o dever de termos em mente a capacidade de diferenciar o que depende de nós do que não depende e nunca contar com este último fator, resultando daí a confiança de estarmos livres de toda dor, sofrimento, e angústia. Aquilo, entretanto, que depende de nós é tão-somente a vontade (SCHOPENHAUER, 2005, p. 145).

É neste sentido que em *Aforismos para Sabedoria de Vida* Schopenhauer (2002, p. 61) enfatiza a importância de “bastar-se a si mesmo, ser tudo em tudo para si”. Estar para além dos fenômenos a que estamos suscetíveis, a saber, morte, doença, miséria,

riqueza, fome, sede, é o que guia toda conduta de um típico estoico. Seu objetivo em se disciplinar nesses moldes é, tão somente, ser capaz de superar com desenvoltura e êxito as querelas da vida e não se deixar iludir pelos instantes de gozo e prazer, mas, ao contrário, ter os pés plantados nas próprias condições existenciais, ciente das vantagens e desvantagens que podem lhe suceder.

Schopenhauer insiste na necessidade de se esforçar para alcançar certa coerência e estabilidade nas ações, considerando de suma importância que o sujeito se certifique sempre de não estar vulnerável às sensações primárias e puramente capciosas. O sujeito deve buscar a si mesmo, estar em conexão consigo mesmo, focado e sem permitir sequer uma única distração, e, caso isso ocorra, caso se distraia ou se perca em algum devaneio, seja capaz de voltar-se a si e retomar o caminho que o reaproxime da *Eudaimonia*, ou seja, de uma felicidade que tem como base os parâmetros da razão e não das emoções.

O sujeito deve evitar todo tipo de ilusão, todo tipo de desejo e ambição que o faça se equivocar em relação a si mesmo e ao mundo. A compreensão de que se deve estar alheio, indiferente e acima dos desejos é primordial para se aproximar da felicidade. O aviltamento de muitos homens e mulheres está, conforme Schopenhauer e conforme o próprio estoicismo, no ato de desejar o errado, no momento errado e de modo errado, caindo num poço sem fundo de ilusões e de devaneios que o afasta de si mesmo e lhe propicia uma sensação equivocada de felicidade, de uma vida feliz. Daí, o vazio, a decepção e, ademais, todo tipo de sentimento negativo invade a vida do sujeito que incorre em tais erros, podendo ser, até mesmo, um caminho sem volta, uma vez que a partir de um passo equivocado sem orientação o sujeito pode recair repetidas vezes no mesmo engano: desejar o que é vazio de autenticidade.

Schopenhauer (2005, p. 143) reforça essa ideia tomando o próprio Epicteto, lembrando que “não é a miséria que dói, mas a cobiça”, a cobiça por coisas vãs, por momentos de prazer passageiros, quando na verdade o sujeito deveria estar canalizando toda sua força e inteligência nas coisas que vão além do que aparentemente sugere a própria vida e o mundo no qual está inserido. Seguindo essas mesmas orientações estoicas, Schopenhauer concorda com a ideia de que é necessário estar alinhado à

natureza, em sintonia com o universo, aprumado com o cosmos, afinal, o homem é parte do mundo e o mundo é parte do homem.

Conhecer e se alinhar à natureza é, sobremaneira, essencial para que o homem encontre o melhor caminho para alcançar a felicidade. Enfatizando essa ideia, Schopenhauer (2005, p. 144) toma Crisipo para realçar justamente que “temos de viver de acordo com a experiência do que comumente ocorre na natureza”. Na mesma proporção e dando o grau de importância a esta questão, Schopenhauer (2002, p. 186) destaca que “devemos, antes, encarar de maneira bem prosaica e sóbria tudo o que for desagradável, para, assim, aceitarmos o que nos couber da maneira mais fácil possível”. Portanto, não se deixar levar, não se enganar nem com as ocasiões de alegria, conquistas e prazer, nem tampouco se permitir ser tomado e massacrado pelos momentos de angústia e tristeza.

Eis, assim, a máxima estoica na qual o filósofo alemão se apoia e destaca como essencial: manter a serenidade de alma independente do momento que se vive, sabendo que tudo vai passar e que se deve manter-se sempre sustentado pela razão e alinhado com o universo. A disciplina que emerge dessas técnicas presentes na escola estoica é que chama a atenção de Schopenhauer para pensar os pilares que levam e sustentam o estado de felicidade do homem ao longo de seu percurso na terra.

Safranski (2011, p. 621) destaca que “as coisas que Schopenhauer mais valoriza, seguindo o estilo da Stoá eram a confiança e a segurança”. Confiança pautada por um conjunto de regras disciplinares, apoiadas por orientações que vislumbram o cosmos como lugar por excelência da própria felicidade, se, claro, o indivíduo estiver alinhado integralmente com ele. Trata-se simplesmente de assumir a própria existência como de fato ela deve ser reconhecida: conectada à existência de todo o mundo, entendido aqui como todo o universo. Qualquer tentativa de rompimento, de diferenciação e de separação do homem com o mundo o levará a perder-se de si mesmo e peregrinar inutilmente rumo à felicidade.

No parágrafo 16 do *mundo como vontade e representação*, no qual Schopenhauer (1992, p. 840) apresenta sua reflexão intitulada “Sobre o uso prático da razão e sobre o estoicismo”, o filósofo alemão destaca a importância de se viver em consonância consigo mesmo, sem fugir de si, sem dissimular a si e muito menos sem se

anular. Destacando a importância primordial de se buscar incansavelmente o exercício da própria liberdade de ser o que se é, Schopenhauer (2005, p. 145) concebe, desse modo e por fim, a sua proposta eudemonológica: “viver em consonância, isto é, segundo um único princípio e em concórdia consigo mesmo. A virtude consiste na concordância do espírito consigo mesmo durante toda vida”. Por meio dessa virtude, eleva-se à eudemonologia da própria existência.

A leitura que Schopenhauer faz do estoicismo apresenta algumas controvérsias por ele apontadas e rebatidas, dentre elas, gostaria de destacar três e apresentar aqui também as sugestões por ele indicadas. São questões consideradas em suas reflexões, contraditórias e insustentáveis do ponto de vista filosófico e prático da própria existência humana. Embora apresente esses desalinhamentos no estoicismo, Schopenhauer sugere outros meios para se pensar as mesmas questões, um olhar por outro ângulo sobre o mesmo assunto, considerado por ele mesmo mais coerente, mais racional e menos passivo de equívocos.

Controvérsias e Sugestões de Schopenhauer ao Estoicismo

As Controvérsias

1. Sobre a Felicidade: A primeira controvérsia já mencionada anteriormente neste texto diz respeito ao próprio conceito de felicidade, ou, como também costumava ser chamado pelos estoicos, de *vida feliz*. Segundo o filósofo alemão, ser feliz, no sentido mais genuíno do termo, é impossível. Acessar uma vida feliz, como gostavam de referenciar os estoicos, é simplesmente uma utopia vazia de qualquer sentido lógico e coerência filosófica. Nas próprias palavras de Schopenhauer (2005, p. 147): “antes verifica-se uma completa contradição em querer viver sem sofrer, contradição que também se anuncia com frequência na expressão corrente ‘vida feliz’”. Ora, aos olhos de Schopenhauer, uma vida sem sofrimento, livre de qualquer tipo de trauma é praticamente impensável e um delírio coletivo, sendo que no caso do estoicismo, segundo o filósofo, levantava-se essa bandeira como regra de vida a ser difundida e ensinada.

2. Sobre o Suicídio: A segunda controvérsia apontada por Schopenhauer está ligada à polêmica atemporal que gira em torno do suicídio, que, a propósito, Schopenhauer considera no mínimo incoerente que se tome o suicídio como possível solução ou meio eficaz para sanar toda dor e sofrimento existencial. Tomar o suicídio como uma opção favorável à plenitude da vida extrapola o conceito de razão tomado pelo filósofo. Schopenhauer (2005, p. 147) esclarece que o fato de ser considerado como possibilidade para um “estoico ser forçado a incluir em seu preceito para uma vida feliz uma recomendação de suicídio” deve ser repensada e realinhada dentro de padrões menos agressivos e extremos em relação à própria vida.

3. Sobre a autodeterminação: A terceira e última controvérsia que destaco nos apontamentos de Schopenhauer ao longo de suas reflexões sobre o estoicismo está relacionada à autodeterminação mediante à razão, considerada como uma técnica altamente eficaz para se alcançar uma vida feliz. Mas, o que Schopenhauer (2005, pp. 145-146) discorda e questiona é justamente o fato de que isso “só era possível caso alguém se determinasse a si de maneira inteiramente racional em conformidade com conceitos e não segundo impressões e humores cambiáveis.” Ou seja, é simplesmente inconcebível partindo do princípio que não se pode excluir do ser humano as características emocionais e instintivas, tornando inviável essa elucubração filosófica do pórtico.

As Sugestões

1. Sobre a Eudemonologia: A primeira proposta de Schopenhauer em relação ao conceito de felicidade é tomá-la como arte. Essa referenciação em sua obra *Aforismos para a sabedoria de vida* consiste em se fazer da vida uma obra de arte, e, conseqüentemente, a felicidade como uma arte de viver. Sua eudemonologia se estabelece a partir do véu de Maya, que se refere justamente à capacidade humana de galgar os degraus que o leva a lapidar sua própria vida aos moldes plausíveis e suportáveis da existência. Trata-se de buscar as melhores técnicas, os melhores meios para se tentar minimizar consideravelmente as tristezas da vida. Desta maneira, a felicidade para Schopenhauer não está vinculada à ideia de um ponto de chegada, de

uma premiação, ou mesmo de um estado de espírito. Diferentemente, ser feliz consiste na medida das possibilidades de cada sujeito e a partir das relações pautadas pela razão que este, por sua vez, estabelece consigo mesmo, com o outro e com o mundo sob as regras incontestáveis e inflexíveis do tempo.

2. Sobre o Suicídio: A segunda sugestão do filósofo alemão diz respeito ao suicídio, que, diga-se de passagem, era veementemente rechaçado por ele, não tanto do ponto de vista moral ou religioso, mas do ponto de vista da própria razão. Em *O Mundo como vontade e representação*, no parágrafo 69, Schopenhauer afirma que o suicídio não passa, inequivocamente, de um ato desesperador do desejo de viver do próprio sujeito, que, frente ao sofrimento e não sabendo lidar com as dores causadas e sentidas, toma irracionalmente o suicídio como uma solução atrapalhada e, até mesmo, como um grito sufocado e irremediável de socorro. Nessa esteira, o que propõe o estoicismo sobre o suicídio como um caminho possível para sanar algum problema de ordem existencial e aproximá-lo da felicidade é tão contraditório, segundo Schopenhauer, quanto querer matar a sede com a água do mar.

3. A autodeterminação: A terceira e última sugestão que gostaria de elencar se refere ao parágrafo 55 de *O Mundo como vontade e representação*, no qual Schopenhauer indica o uso da razão prática como meio eficaz para minimizar a infelicidade:

O modo de agir necessário e conforme a nossa natureza individual foi doravante trazido à consciência, em máximas distintas e sempre presentes, segundo as quais nos conduziremos de maneira tão clarividente (*Besonnen*), como se fôramos educados sem erro provocado pelos influxos passageiros da disposição, ou da impressão do momento presente, sem a atrapalhação da amargura ou a doçura de uma miudeza encontrada no meio do caminho, sem hesitação, sem vacilação, sem incoerências (SCHOPENHAUER, 2005, p. 394)

Nesta perspectiva, é estar alheio a qualquer tipo de acontecimento da vida, seja de ordem externa ou interna, o que significa não se deixar abalar por ocorrências que partem do próprio corpo, como doenças naturais, ou por danos causados pelo mundo à sua volta, como acidentes, catástrofes naturais ou diversas violências sofridas a partir da

ação de outros homens. Isso equivaleria em não estar à mercê das surpresas da vida, mas estar preparado para qualquer tipo de situação possível.

De modo geral, o ser humano deve se colocar diante de si mesmo, da própria vida, da existência do outro e do mundo em um lugar que lhe permita estar agindo conforme a razão, visando uma eudemonologia que não se confunde com uma utopia, ou mesmo com conto de fadas, beirando um idealismo que foge totalmente da realidade. Trata-se simplesmente de não colocar sua felicidade e seu bem estar à mercê de qualquer tipo de juízo alheio, seja de quem for, como for e quando for.

Considerações Finais

Entre críticas, elogios e sugestões direcionadas por Schopenhauer à filosofia estoica o que permanece aparentemente claro da leitura e interpretação do filósofo alemão é seu interesse e reconhecimento da relevância da Escola do Pórtico para a filosofia ocidental. Consideramos intrínseco ao ato de filosofar o exercício sempre aprimorado da leitura crítica de qualquer tipo de teoria, corrente ou escola filosófica, sem criar vínculos que obstruam, destoem ou dissimulem o ato de filosofar no sentido mais genuíno do termo. Incontestemente, é papel do filósofo levantar problemas e questões que viabilizem o pensamento livre e questionador, sem se prender com fidelidade doutrinária às correntes filosóficas, aos filósofos, ou, ainda, às ideologias específicas de visão de mundo e do próprio homem.

Podemos considerar que Schopenhauer colaborou, a seu modo, oferecendo um modelo totalmente próprio e peculiar de leitura do estoicismo, mas de forma alguma esse modelo deve ser considerado verdadeiro e pronto, mesmo porque essas duas características não existem dentro da seara filosófica. Sua colaboração, assim como a de todos os filósofos, das escolas filosóficas e das respectivas correntes filosóficas que se desenvolveram ao longo da história da humanidade, visa exclusivamente elevar o homem ao seu lugar por excelência: um animal que raciocina de modo complexo e que é capaz de atribuir críticas a si mesmo, ao outro e ao mundo à sua volta e, a partir daí, evoluir em todas as esferas de sua existência.

O que se pretendeu com esse artigo foi oferecer uma breve reflexão da leitura de Schopenhauer em relação ao estoicismo, tomando como ponto de partida seu conceito de eudemonologia. A ideia de felicidade que perpassa toda filosofia desde os gregos, passando pelos helenistas e chegando aos nossos dias sem uma resposta satisfatória, atravessa todo o pensamento humano como um problema que sempre incomodou, incomoda e provavelmente incomodará enquanto o homem exercer sua capacidade de pensar e questionar.

A ideia de felicidade, portanto, sempre se insinuará entre as frestas da existência humana mais como um problema a ser solucionado do que um estado de espírito plenamente encontrado e desfrutado pelo homem. Ao contrário, sempre como uma pergunta a ser respondida e nunca satisfeita com as tentativas de respostas que, por mais esforço que se faça, por melhores que sejam as tentativas de elucubrações da razão humana em busca de respostas convincentes para uma solução definitiva sobre a questão da felicidade, parece bastante improvável que a tal vida feliz chegue um dia a se concretizar em sua plenitude.

Referências Bibliográficas

- SAFRANSKI, R. *Schopenhauer e os anos mais selvagens da filosofia*. SP: Geração Editorial, 2011.
- SCHOPENHAUER, A. *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Sämtliche Werke. Textkritisch bearbeitet und herausgegeben von Wolfgang Frhr. von Löhneysen. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.
- SCHOPENHAUER, A. *Le monde comme volonté et comme représentation*. Tradução A. Burdeau (nouv. éd. rév. et corr. par R. Roos). Paris: Press Universitaires de France, 13^a éd., 1992.
- SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução Jair Barbosa. São Paulo: UNESP, 2005.
- SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SCHOPENHAUER, A. *Fragments para História da Filosofia*. Tradução Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Iluminuras, 2003.